

Boletim de Ocorrência

031

O assassinato de um líder

O 31º episódio da série que, aos domingos, relembra casos enigmáticos, conta a morte do jovem Waldemar Ripoll, defensor da causa constitucionalista, assassinado em Rivera, onde estava exilado

No seu quarto, na ala residencial do Palácio Piratini, o general José Antonio Flores da Cunha lê a carta interceptada, escrita pelo exilado Waldemar Ripoll, dirigida a um companheiro da causa constitucionalista:

“...a única maneira do Rio Grande se ver livre do dr. Flores da Cunha é a sua eliminação, por qualquer modo: tiro, veneno na comida, uma bomba de dinamite”.

Flores diz um palavrão, vira-se para o coronel Benjamin Vargas e pergunta:

– Que férias num caso destes?

Bejo, como era conhecido na intimidade, responde, cauteloso, ao Interventor Federal no Rio Grande do Sul:

– Tratando-se de uma questão de foro íntimo, cada um resolve de acordo com sua consciência.

Flores olha para seu irmão, Francisco, e lhe diz:

– Vou mandar matar.

Chico Flores responde-lhe que não faça isso.

O Interventor pede que chamem o major Rubim e, quando ele chega, enlaça-o pelo braço e o conduz a outra dependência para uma conversa a sós.

Logo depois, o major Rubim segue para Livramento.



“Bárbara e misteriosamente, foi assassinado em Rivera, onde estava exilado, o dr. Waldemar Ripoll”.

Com essa manchete em oito colunas, a primeira página do Correio do Povo do dia 1º de fevereiro de 1934 é toda ela dedicada ao crime.

Waldemar Ripoll, natural de Quaraí, tinha 27 anos naquele final de janeiro. Advogado, jornalista, político, escrevia no jornal Estado do Rio Grande, veículo oficial do Partido Libertador, sempre com críticas contundentes a Flores da Cunha. Era reconhecido, embora muito jovem, como expressivo líder maragato.

Participou da Revolução de 30, ao lado de Getúlio Vargas, mas em 1932, quando os paulistas empunharam a bandeira constitucionalista, Ripoll decidiu abraçar a causa.

Acabou preso e deportado para a Europa, de onde voltou junto com Raul Pilla e Batista Lusardo, entre outras lideranças, para refugiar-se em Rivera.



A notícia do assassinato chegou a Porto Alegre já com as primeiras certezas sobre o autor do crime, um preto velho de nome Pedro Borges.

Ele se aproximou de Ripoll pelo menos 15 dias antes, dizendo-se veterano de revoluções e exilado político. Precisava de ajuda para sobreviver, porque a atividade de vendedor de frutas não lhe rendia o suficiente.

Ripoll o acolheu, e ele passou a viver na casa. Na noite do crime, esperou que a vítima dormisse e então matou Ripoll com golpes de machado na cabeça.

Um crime bárbaro.

Depois disso, sumiu. Teria sido visto em vários lugares mas parece certo que ele se homiizou nos campos pertencentes a Camilo Alves da Silva, comandante da polícia aduaneira da Alfândega de Livramento, e homem de confiança de Flores da Cunha.

Lá ele apareceu morto, passadas duas semanas, para que não fosse testemunha de nada. Foi tocado.



Não esquecer que aquele era um tempo de caudilhos e coronéis. Fazia-se política na intimidade dos palácios, nos campos de batalha e também na solidão das fronteiras.

Flores da Cunha foi uma das figuras mais importantes da história política do Rio Grande e do país. Naquele ano de 1932, ele havia se comprometido a perfilar ao lado dos constitucionalistas. Na hora final, no entanto, decidiu manter-se fiel a Getúlio Vargas.

O inquérito sobre a morte de Waldemar Ripoll aconteceu nesse contexto e refletiu o jogo de poder da época.

As primeiras investigações acabaram arquivadas, mas quando foi implantado o Estado Novo, em novembro de 1937, tudo mudou.

Flores da Cunha estava exilado no Uruguai, rompido com Getúlio Vargas. Daltro Filho foi nomeado Interventor e o deputado Glycério Alves licenciou-se do Parlamento para assumir a delegacia de polícia da região, em Livramento.

Não demorou e ele produziu um arrazoado que fez a promotoria denunciar Flores da Cunha, seu irmão, Francisco, e Camilo Alves da Silva, entre outros, como mandantes do assassinato de Waldemar Ripoll.

Um dos alicerces da denúncia foi o depoimento de Bejo Vargas, no qual narrava o diálogo mantido com o Interventor, tal qual está no início desta história.

Em 1939, Flores foi impronunciado. E surgiram versões sobre outros eventuais mandantes.

Em 10 de agosto de 1978, o crime prescreveu.

E ninguém foi punido.



Por
Celito De Grandi



FOTOS REPRODUZIDAS



A morte de Ripoll, advogado, jornalista e político gaúcho, no Uruguai, na década de 1930, causou comoção, como mostram jornais da época



O jovem (na foto ao lado) fazia críticas contundentes ao general Flores da Cunha, que foi denunciado pelo crime e depois isentado



O crime

Vítima:
Waldemar Ripoll

Época do crime:
1934

Cidade:
Rivera (Uruguai)

Principal suspeito:
Pedro Borges

Motivação:
política